



“FOLHAS VENENOSAS”: A REAÇÃO CATÓLICA À DIFUSÃO DE LIVROS E BÍBLIAS PROTESTANTES NA BAHIA NA DÉCADA DE 1860

Leonardo Ferreira de Jesus¹

Resumo

Neste artigo pretende-se reconstruir historicamente o processo de inserção de religiões concorrentes à hegemonia católica no Brasil. Através da análise bibliográfica sobre o tema, bem como de fontes históricas do período indicado, observa-se que, mesmo sendo a religião oficial do Império, detentora do monopólio de atribuições civis e religiosas, a Igreja Católica enfrentou muitas dificuldades no Oitocentos. Na década de 1860, não bastassem os problemas internos, a Igreja Católica ainda teve de enfrentar a concorrência. A ameaça das Bíblias e folhetos protestantes, intensificadas com a presença de missionários estrangeiros na Bahia em 1862, provocaram a reação do Arcebispo da Bahia, D. Manuel Joaquim da Silveira. Desse modo, serão privilegiados os principais aspectos das polêmicas geradas pelas publicações de ambas as partes.

Palavras-chave: Catolicismo. Protestantismo. Conflito religioso. Bahia. Século XIX.

Introdução

Em 1862, os missionários protestantes Richard Holden e Thomas Gallard venderam Bíblias e folhetos em Salvador, Santo Amaro, Cachoeira, Nazaré e regiões vizinhas, locais onde foram agredidos e insultados por fiéis católicos.² A resposta da Igreja foi dada pelo Arcebispo da Bahia e primaz do Brasil Dom Manuel Joaquim da Silveira que, em carta pastoral, ordenou aos párocos que aconselhassem seus fiéis contra “Bíblias falsas e livrinhos contra a Religião (...) que os inimigos da religião Católica não cessam de espalhar com o fim de induzir os incautos a seguir as suas falsas doutrinas”.³ Os missionários protestantes replicaram desafiando a Igreja a

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal da Bahia. Bolsista Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. Email: lfdejesus@gmail.com

² VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. 2ª Ed.. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1980, p.192.

³ SILVEIRA, Dom Manuel Joaquim da. *Carta Pastoral Premunindo os seus Diocesanos contra as mutilações, e as adulterações da Bíblia traduzida em Português pelo Padre João Ferreira A. d' Almeida; contra os Folhetos, e Livretos contra a religião, que com a mesma Bíblia se tem espalhado*

provar a falsidade de suas Bíblias. Desde o século XVI, após a Reforma Protestante, a Igreja Católica reagiu à ameaça de perda de espaço no campo religioso para a “seita reformada”. Neste contexto de intolerância, a melhor forma que o fiel tinha para demonstrar amor e zelo por sua religião era combatendo os seus inimigos, a ordem era lutar contra os hereges e infiéis.⁴ Desse modo, religiosos, tanto católicos quanto protestantes, deixavam claro para os seus pares onde estavam os erros dos adversários, como deveriam resistir a eles e combatê-los.

David Gueiros Vieira, em *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*, dedica grande parte da obra ao estudo dos vários grupos protestantes estabelecidos no Brasil no século XIX. O autor afirma que, apesar de apresentarem características diferentes, grupos luteranos, anglicanos, metodistas, congregacionais e presbiterianos, por serem minoritários, uniram-se em defesa do direito de culto no Brasil. Também é interessante observar como a ideia de progresso, tão cara à maioria dos intelectuais da segunda metade do século XIX, era frequentemente associada ao protestantismo. Dentro deste quadro, políticos liberais como Tavares Bastos, além de adeptos da Maçonaria, foram vistos pelos católicos como aqueles que pretendiam “protestantizar” o Brasil, influenciando a imigração e colocando em questão temas irredutíveis para o catolicismo como o casamento civil e a liberdade de culto.⁵

Quando o assunto é o protestantismo na Bahia no século XIX, obra pioneira neste aspecto é *Os Batistas na Bahia, 1882-1925; um estudo de História Social*, de Marli Geralda Teixeira.⁶ Antes de se deter à análise dos batistas na Bahia, a autora traça um breve panorama do protestantismo no Brasil no século XIX. Entre as questões discutidas, destacamos a preocupação com a restrição dos direitos civis de imigrantes protestantes e a falta de liberdade religiosa, temas sempre reivindicados por políticos “liberais”, a exemplo de Rui Barbosa e Saldanha Marinho.⁷ Os principais sujeitos que aparecem no estudo de Teixeira organizaram a Primeira Igreja Batista na Bahia em 1882. Os missionários responsáveis pela difusão das doutrinas batistas na Bahia foram William Bagby, Anne Bagby, Zacarias Taylor e Katerine Taylor, casais filiados à Missão Americana de Richmond. Entre as estratégias de divulgação do protestantismo estavam a distribuição de literatura religiosa (Bíblias e folhetos), a

nesta Cidade; e contra alguns erros, que se tem publicado no País. Bahia: Tip. De Camilo de Lellis Masson & C. 1862, pp. 3-4. Ao longo de todo o texto, os documentos são transcritos respeitando-se sempre a pontuação, os nomes próprios e a gramática originais, mas atualizando-se a ortografia das palavras.

⁴ DELUMEAU, Jean. *La Reforma*. (Trad. José Termes). 2ª ed. Barcelona: Editorial Labor, 1973, p. 98.

⁵ VIEIRA, op. cit., p. 373.

⁶ TEIXEIRA, Marli Geralda. *Os Batistas na Bahia: 1882-1925*. Dissertação (mestrado em Ciências Humanas), Salvador, UFBA, 1975.

⁷ *Ibidem.*, p.19

difusão dos preceitos batistas em jornais denominacionais e seculares, o evangelismo pessoal (muitas vezes ligado à entrega e explicação de uma literatura religiosa), as pregações em praças e ruas, o doutrinamento familiar e as viagens evangelísticas pelo interior.⁸ Além de levantar características sociais, um dos méritos da obra é a caracterização comportamental dos batistas, fortemente marcada pela rigidez de conduta. Dentro dessas características, estão presentes elementos de coesão, identificação e distinção, extremamente importantes para contrapor o comportamento católico.⁹

Outro estudo importante sobre o protestantismo na Bahia do século XIX é *Cidadão de Outra Pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia*, de Elizete Silva.¹⁰ Como o próprio título indica, essa obra destaca a inserção e ação de anglicanos e batistas no campo religioso baiano. Assim como Teixeira, Elizete Silva também destaca elementos sociais e comportamentais dos referidos grupos protestantes, inclusive diferenciando aspectos relevantes que os identificam. Silva, entendendo a “religião como um elemento constitutivo da cultura” e as igrejas como instituições inseridas no contexto social em que seus fiéis vivem, apresenta-nos aspectos relevantes para a compreensão desses grupos, tais como as atitudes desses protestantes diante de fatos políticos, pensamentos sobre a condição da mulher, posições sobre a escravidão e as questões raciais, além de discursos e representações sobre a liberdade, o trabalho e a morte.

Silva também analisa os discursos dos missionários protestantes, identificando o ataque à Igreja Católica como um dos principais métodos utilizados para a difusão dos seus preceitos. Dessa forma, a crítica aos rituais, aos templos, à “adoração de imagens” e à penitência, por exemplo, provocaram vários conflitos na Bahia. No momento em que se instala a República, os batistas comemoraram bastante o que consideraram “um novo tempo de liberdade religiosa”, onde deixariam de ser atacados por populares, inclusive com a participação ou omissão da polícia. No entanto, tanto em sua tese quanto em um artigo sobre os conflitos entre protestantes e católicos na Bahia, Silva mostra que as tensões e conflitos não cessaram com a República.¹¹ Como mostra Lyndon de Araújo Santos, a conjuntura que se formou na Primeira República trouxe a necessidade de demarcação e identidade dos grupos

⁸ *Ibidem*, pp.57-87.

⁹ *Ibidem*, p. 224

¹⁰ SILVA, Elizete da. *Cidadãos de Outra Pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia*. Tese (Doutorado em História), São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

¹¹ SILVA, Elizete da. *Conflitos no campo religioso baiano: protestantes e católicos no século XIX*. In: *Sitientibus*, Feira de Santana, nº 21, Jul/Dez, 1999, p.65.

religiosos. Para isso, era necessário, cada vez mais, acentuar as diferenças, principalmente atacando os adversários.¹² Discursos sobre o progresso, a industrialização e as questões políticas e sociais também eram utilizados como fator de distinção. O alto índice de analfabetismo do final do século XIX, por exemplo, era utilizado pelos protestantes para criticar o catolicismo como culpado pelo “atraso” do Brasil. O protestantismo oferecia, em sua propaganda, além de mudanças espirituais, “transformações na racionalidade e na dimensão social do indivíduo”.¹³ É através da educação, além dos problemas relacionados ao casamento, à morte e à liberdade de culto, que poderemos analisar as disputas e conquistas relacionadas aos direitos civis.

Neste trabalho, pretendemos analisar os aspectos do conflito entre católicos e protestantes. Através da observação do que o Arcebispo chamou de “veneno” protestante, nos propomos a investigar: quais foram os discursos e as representações que se fizeram do outro? Quais são as estratégias para combater a fé do outro? Onde estavam os pontos de discórdia? Cabe destacar que neste trabalho o objetivo é compreender e discutir os aspectos presentes no conflito, não iremos aqui qualificar uma ou outra parte como a legítima ou portadora da verdade. Acreditamos que não cabe ao historiador julgar se essa ou aquela crença e prática religiosa são ou não legítimas. Considerando a historicidade dessas crenças e práticas, enriqueceremos nossas pesquisas analisando os sujeitos religiosos de acordo com o contexto sociocultural e das relações de força presentes no campo religioso em que estão inseridos.

Alguns conceitos serão fundamentais para a análise que nos propomos a fazer. Para realizar um estudo dos aspectos que motivaram católicos e protestantes, faz-se necessária a análise de seus respectivos discursos, representações, suas visões de mundo e normas de conduta. Dessa forma, vale pontuar que entendemos a religião como parte integrante da cultura, indissociável do contexto social em que se insere.

O contexto baiano será analisado a partir do conceito de campo religioso utilizada por Pierre Bourdieu. Para o autor, uma das principais características dinamizadoras do campo religioso é a concorrência entre instâncias religiosas diferentes. O autor destaca a oposição entre a “Igreja e o profeta ou seita”, onde, no centro da disputa, está a luta pelo domínio e gestão dos bens de salvação. Enquanto a Igreja, com austeridade, combate a entrada de religiões concorrentes, a seita se

¹² SANTOS, Lyndon de Araújo. Os novos centros do sagrado: os sentidos da protestantização, In: *As Outras Faces do Sagrado: Protestantismo e Cultura na Primeira República Brasileira*, São Luis: EDUFMA/Edições ABHR, 2006, pp. 149-208.

¹³ *Ibidem*, p. 156

esforça para colocar em questão o monopólio da salvação da Igreja. Bourdieu, ao interpretar a “Teoria da Religião de Max Weber” afirma que, diante de doutrinas concorrentes, cada comunidade valoriza “signos distintivos” e “doutrinas discriminatórias” com a finalidade de dificultar a adesão de seus adeptos à religião adversária ou de se apresentar como superior às concorrentes.¹⁴ Respondendo a indagações formuladas por este trabalho, o conceito de campo religioso será útil para analisarmos as disputa entre católicos, protestantes e espíritas na Bahia no tempo proposto. No campo religioso baiano, nos interessa observar como a Igreja Católica lutou para combater a ameaça à sua hegemonia feita por protestantes (denominados de seitas pelo catolicismo), e também como protestantes contestaram o monopólio da Igreja Católica.

São necessárias algumas observações importantes para a caracterização dos grupos religiosos aqui estudados. Primeiramente, cabe pontuar que, diante da heterogeneidade do protestantismo, alguns estudiosos se esforçaram por especificar alguns grupos de acordo com aspectos que lhes são comuns. Ao estudar tais grupos na América Latina, Martin Dreher identificou, para o século XIX, a existência de dois tipos: o *Protestantismo de Imigração* e o *Protestantismo de Missão*. Enquanto os primeiros, representados por anglicanos e luteranos, reproduziam no Brasil a vida religiosa que tinham em sua terra natal sem um ideal missionário; os outros, representados por congregacionais, metodistas, presbiterianos e batistas objetivaram conquistar prosélitos.¹⁵ Nosso estudo se concentra sobre o segundo tipo, o qual buscou se contrapor, abertamente, ao catolicismo.

O catolicismo na Bahia do século XIX

Apesar ser a religião oficial do Império, detentora do monopólio de atribuições civis e religiosas, a Igreja Católica enfrentou muitas dificuldades no Oitocentos. David Gueiros Vieira, em *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*, nos apresenta uma Igreja politicamente enfraquecida pelo “uso e abuso do direito do padroado”, economicamente dependente de “côngruas mesquinhas”, com um clero “envolvido em política” e sendo acusado de “violador do celibato”.¹⁶ Émile G. Léonard, em *O Protestantismo Brasileiro: estudo de Eclesiologia e História Social*, tal

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 97.

¹⁵ DREHER, Martin. Protestantismo na América Meridional. In: SIEPIERKI, Paulo D. e GIL, Benedito M. (org.). *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003.

¹⁶ VIEIRA, op.cit, p. 27

como Vieira, inicia sua obra apresentando um quadro geral do catolicismo, ressaltando a carência de religiosos que suprissem as necessidades dos fiéis no vasto território brasileiro.¹⁷

Esses problemas, sobretudo os morais, preocuparam bastante os líderes católicos. Já na primeira metade do século XIX, o Arcebispo da Bahia e primaz do Brasil entre 1827 e 1860, Dom Romualdo Antônio de Seixas, apontou a necessidade de se formar um clero “de vida santa”, para depois se exigir um povo católico com características semelhantes às de seus guias. Além de uma vida santa, D. Romualdo destaca a necessidade de uma boa formação para os candidatos ao sacerdócio, além de exigir dos bispos um exame rigoroso.¹⁸

Katia Mattoso, em *Bahia, século XIX: uma província no Império*, dedica várias páginas à análise da Igreja Católica. Mattoso nos mostra como, já na primeira metade do século XIX, houve tentativas de aproximação de Roma pelo clero brasileiro. Tais tentativas partiram de um grupo denominado de “reformadores conservadores” que, baseando-se nas decisões do Concílio de Trento¹⁹, tentavam promover uma reforma moral do clero, enfatizando uma formação religiosa mais sólida e uma seleção mais rigorosa dos candidatos ao sacerdócio.²⁰

Cabe, aqui, a abertura de um parêntesis. É importante notar que o Concílio de Trento se deu no contexto da Reforma Católica. A Igreja reagiu à ameaça de perda de espaço no campo religioso para a “heresia protestante” e outras “seitas”. Neste contexto de enquadramento, uma das formas que o fiel tinha para demonstrar amor e zelo por sua religião era combatendo seus opositores; a ordem era lutar contra os hereges e infiéis. Desse modo, os religiosos deixavam claro para os seus pares onde estavam os erros dos adversários, como deveriam resisti-los e combatê-los.

Katia Mattoso afirma que o século XIX, sobretudo a sua última metade, foi marcado pela romanização da Igreja católica. Como destaca Edilece Souza Couto,

¹⁷ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro: estudo de Eclesiologia e História Social*. 3ª ed. São Paulo, ASTE, 2002, p. 58, 121, 123.

¹⁸ AZZI, Riolando. D. Romualdo Antônio de Seixas, arcebispo da Bahia (1827-1860) e o movimento de reforma católica no Brasil. In: Riolando Azzi & Cândido da Costa e Silva. *Dois estudos sobre D. Romualdo Antônio de Seixas, arcebispo da Bahia*. Salvador: UFBA/Centro de Estudos Baianos, 1984, p.17-38.

¹⁹ O Concílio de Trento foi convocado pelo Papa Paulo III, a fim de estreitar a união da Igreja e reprimir os erros, isso em 1546, na cidade de Trento, Itália. No Concílio tridentino os teólogos mais famosos da época elaboraram os decretos, que depois foram discutidos pelos bispos em sessões privadas. Interrompido várias vezes, o concílio durou 18 anos e seu trabalho somente terminou em 1562, quando suas decisões foram solenemente promulgadas em sessão pública. O Concílio de Trento só teve sua validade reconhecida no Brasil em 1827. Ver MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Bahia, século XIX: uma província no Império*. 2ªed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 309.

²⁰ MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Bahia, século XIX: uma província no Império*. 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 295-315.

em oposição ao padroado, o processo de romanização tinha como objetivo sujeitar a Igreja brasileira à romana. Nesse contexto, além de buscar maior autonomia em relação ao Estado, a hierarquia eclesiástica se preocupou com a formação dos clérigos e com as práticas religiosas dos leigos, sendo importante combater falsos ensinamentos e superstições.²¹

O maior destaque na defesa de uma reforma do clero na Bahia no século XIX foi D. Romualdo Seixas. Porém, como afirma Riolando Azzi, os demais arcebispos que o sucederam no período imperial, “embora com atuações menos expressivas, por razões de saúde e pela permanência mais breve à frente da sé primacial da Bahia”, também tiveram uma “orientação reformista”.²²

Para uma melhor compreensão deste trabalho, considero importante oferecer algumas informações importantes sobre o arcebispo que dirigiu o clero baiano no tempo proposto, Dom Manoel Joaquim da Silveira (1807 – 1874). Sete dias após o falecimento de D. Romualdo (05/01/1861), o imperador D. Pedro II escolheu o então bispo do Maranhão, D. Manoel da Silveira como arcebispo da Bahia e primaz do Brasil. Nascido no Rio de Janeiro, D. Manoel desembarcou em Salvador em 27 de junho de 1861 após confirmação do papa Pio IX. Como veremos mais adiante, D. Manoel se destacou no combate à inserção do protestantismo e do espiritismo na Bahia.²³

A “Bíblia herética de Nova York” na Bahia

O missionário escocês Richard Holden, ministro episcopal que agiu no Pará e na Bahia publicando textos bíblicos e sermões em jornais, é um dos principais personagens do protestantismo no Brasil oitocentista. Uma reação interessante às publicações de Holden foi elaborada pelo Bispo do Pará, Dom Antônio Macedo Costa que, em 1861, fez circular uma Pastoral “anti-protestante” advertindo seus vigários contra o “monstro da heresia” e suas “falsas Bíblias”. Mais tarde o missionário destacou em seu diário que o bispo considerou que Holden “estava perdendo tempo em Belém, pois que o povo do Pará não pensava. Nem mesmo seus clérigos

²¹ COUTO, Edilece Souza. *Tempo de Festas: Homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)*. Tese (Doutorado em História), Assis, SP: Universidade Estadual Paulista, 2004, pp. 67-77.

²² AZZI, Riolando. *A Sé Primacial de Salvador: a Igreja Católica na Bahia, 1551-2001*. Vol. II, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 7 e 145. Ver também COSTA E SILVA, Cândido da. Religião e sociedade baiana no século XIX. In: BINA, Eliene Dourado e MONTEIRO, Nanci Santos (orgas.). *Memória da Bahia: palestras*, vol I, Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2009, p. 355.

²³ Ver COSTA E SILVA, Cândido da. *Os segadores e a messe: o clero oitocentista na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2000, p. 243 e AZZI, Riolando. op.cit, pp. 147-148.

pensavam e ele estava perplexo sem saber o que fazer com eles”, assim registrou o escocês.²⁴

Decidido a se mudar para Salvador, Holden escreveu para o também missionário Alexander Blackford, no Rio de Janeiro, pedindo-lhe que enviasse para a Bahia uma pessoa que vendesse Bíblias e fizesse um levantamento das condições da província. A pessoa escolhida por Blackford foi Thomas Gallard, espanhol casado com uma baiana e que morou nesta província quatorze anos antes de ir para o Rio de Janeiro em 1858. Nesta ocasião conheceu o missionário Richard Kalley, convertendo-se ao protestantismo. Vieira afirma que Gallard tornou-se fanático após a conversão, porém seu conhecimento da língua portuguesa e da Bahia foram decisivos para que desembarcasse novamente nessa terra em 1862. Assim que chegou à Bahia, Gallard começou a vender Bíblias, livros e panfletos protestantes. Motivado pela repercussão que causou a distribuição dessa literatura, inclusive pelo fato de Gallard afirmar que tinha a autorização da Igreja para tal, que o Arcebispo Dom Manoel Joaquim da Silveira escreveu a já mencionada *Carta Pastoral Premunindo os seus Diocesanos contra as mutilações, e as adulterações da Bíblia traduzida em Português pelo Padre João Ferreira A. d'Almeida; contra os Folhetos, e Livretos contra a religião, que com a mesma Bíblia se tem espalhado nesta Cidade; e contra alguns erros, que se tem publicado no País.*²⁵

O Arcebispo inicia afirmando aos seus diocesanos que as “Bíblias falsas e os livrinhos contra a Religião”, pela “beleza da impressão” e pelo baixo preço eram vendidos com muita facilidade por aqueles que D. Manuel chamou de “inimigos da religião Católica”. O primeiro ponto observado pelo Arcebispo se refere às Bíblias “mutiladas e falsificadas” dos protestantes. Um dos principais alvos foram as Sociedades bíblicas, acusadas de publicarem Bíblias “com falta de livros do antigo e do novo Testamento”, segundo o Arcebispo, neste fato estaria a astúcia e o laço “para apanhar aos incautos”.²⁶

Segundo D. Manoel da Silveira, a Bíblia traduzida para o português por João Ferreira d'Almeida, tinha o antigo Testamento “truncado”. Diferente das Bíblias usada pelos católicos, a Bíblia “protestante” não continha os livros de Tobias, Judite, Sabedoria, Baruc, Eclesiástico (ou Sirácida), 1 e 2 Macabeus, além de Ester 10,4-16; Daniel 3,24-20; 13-14. No comentário sobre esse tema, o Arcebispo aproveitou para

²⁴ VIEIRA, op. cit., pp. 182-187

²⁵ SILVEIRA, op. cit., 1862

²⁶ SILVEIRA, op. cit, pp. 3e 6.

atacar a heterogeneidade do protestantismo, afirmando que enquanto Lutero rejeitou alguns desses livros, Calvino aceitou. Sobre esse assunto afirma:

E esta divergência não deve causar admiração, visto professar cada Seita também uma fé diferente, e diferentes serem seus dogmas: rejeitando toda e qualquer autoridade suprema e infalível, necessariamente deviam as Seitas, que se separam da Igreja Católica cair neste excesso de reprovarem umas pelo mesmo direito aquilo que outras aprovam.²⁷

Segundo o Arcebispo, o Novo Testamento da “Bíblia herética de Nova York”, estava inteiro, porém existiam vários erros. Segundo ele, foram esses erros que fizeram o protestantismo condenar várias práticas da Igreja Católica.

Fé e obras

Antes de observarmos o posicionamento do Arcebispo em relação ao conteúdo dos ditos livrinhos e folhetos, lembremo-nos dos princípios fundamentais da Reforma protestante: *Sola fide* (somente a fé); *Sola scriptura* (somente a Escritura); *Solus Christus* (somente Cristo); *Sola gratia* (somente a graça) e o sacerdócio universal.²⁸ Esses princípios estavam presentes nas obras distribuídas pelos protestantes no Brasil do século XIX. Infelizmente ainda não encontramos os escritos de divulgação do protestantismo nos arquivos da Bahia, porém, em seu pastoral, o Arcebispo cita o conteúdo desses materiais.

Lutero, no século XVI afirmou: “Entendo que o pecador é justificado somente pelo amor, pela misericórdia e pela graça de Deus, e nada mais. A graça de Deus me livra da culpa, do poder e da presença do pecado”.²⁹ Em 1862, um dos ditos “livrinhos” protestantes, cujo título era *Um só caminho*, trazia a afirmativa: “Estou certo que merecimento próprio na criatura é coisa que não há”.³⁰ Neste ponto o Arcebispo destaca a antiga discussão sobre a fé e as obras, afirmando que os protestantes “rejeitam as boas obras com inúteis e desnecessárias”. D. Manoel condena essa afirmativa lembrando que o Concílio de Trento, em sua sessão 6 e capítulo 16 ensina que:

A vida eterna deve ser proposta aos fiéis de Deus, não só como uma graça que Ihes está misericordiosamente prometida por Nosso Senhor Jesus Cristo,

²⁷ *Ibidem*, p. 8

²⁸ MATOS, Alderi de Souza. *Os solas da reforma: só a escritura*. In: <http://mensagemreformada.blogspot.com.br/2011/10/os-solas-da-reforma-so-escritura.html>. Acesso em 07 de dezembro de 2012.

²⁹ CÉSAR, Elben M. Lens. *História da Evangelização do Brasil*. Viçosa, MG: Ultimato, 2000, p. 224.

³⁰ SILVEIRA, op. cit, p. 16

mas também como recompensa, que é final mente dada às suas boas obras, e aos merecimentos em virtude desta promessa.³¹

Como vimos acima, discussão sobre o merecimento do fiel para se alcançar a salvação esteve presente tanto nas publicações protestantes quanto na resposta católica. Porém, a maior parte da pastoral do arcebispado foi dedicada à legitimação da invocação aos santos e à Virgem Maria, além da utilização de imagens sagradas.

A “idolatria” católica

Em outro trecho do “livrinho” *Um só caminho*, estava escrito: “Lembra-te que deves confiar toda a salvação de tua alma a Cristo, e a Cristo só. Deves abandonar completamente todas as outras esperanças e confiança”.³² Os reformistas protestantes recorreram aos mandamentos divinos dados a Moisés: “Não terás outros deuses além de mim. Não farás para ti ídolos, nem figura alguma do que existe em cima, nos céus, nem embaixo, na terra, nem do que existe nas águas, debaixo da terra”³³. O culto aos santos era considerado uma sobrevivência de práticas pagãs.

O Arcebispo afirmou na pastoral contra o protestantismo que a crença católica em relação aos santos e às imagens estavam fundadas na “prática geral e constante da Igreja, que tem por si a Tradição e a mesma Escritura”. Contestou o que propagavam os “hereges” afirmando que:

Não é proibido pelo primeiro Mandamento honrar com culto religioso a Santíssima Virgem, aos Anjos, e aos Santos; antes pelo contrário não só é permitido, bom, e útil, como o ensina a Igreja Católica, mas seria delito recusar-lhe a honra, que a Igreja lhes dá seguindo a tradição de todos os séculos. A Igreja honra a santíssima Virgem como Mãe de Deus, e aos Anjos, e aos Santos como servos, e amigos de Deus; mas não tributa nem à Santíssima Virgem, nem aos Anjos, nem aos Santos a honra, e o culto soberano unicamente devido a Deus.³⁴

A Igreja Católica ensinava que os santos eram intercessores dos homens. Enquanto tais, eles mereciam honra, não adoração. Desse modo, usando o exemplo das expressões usadas nas orações, o Arcebispo diferenciou a relação do fiel com Deus, a quem se devia dirigir suplicando: “tende piedade de nós”. Já em relação aos santos devia-se recorrer da seguinte forma: “rogai por nós”. Assim como a relação com o

³¹ *Ibidem*, p. 20

³² *Ibidem*, p. 23

³³ Texto bíblico do livro do Êxodo, capítulo 20, versos 3 e 4. Conforme a Bíblia Sagrada Católica, ver: *Bíblia Sagrada*. 8ª edição. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1989.

³⁴ SILVEIRA, op. cit., p. 28

santo era diferenciada da relação com Deus, o que a Igreja ensinava era diferente do que a grande maioria dos fiéis praticavam. Os missionários protestantes que estiveram na Bahia certamente presenciaram festas, procissões e homenagens a santos que, para eles, não passavam de idolatria.

D. Manoel da Silveira acusou os protestantes de, no século XVI, renovarem a heresia dos iconoclastas, que ficaram conhecidos como os quebradores de imagens do século VIII. Em relação às imagens o Arcebispo afirmou que a Igreja não praticava a idolatria, dessa forma:

Quando os Cristãos pois adoram a Imagem de Jesus Cristo, não adoram nem a madeira, nem as cores aplicadas à madeira, mas a Divindade invisível, que a fé lhes descobre em o seio do Pai, e que Ella lhes faz adorar em espírito e em verdade.³⁵

Em várias passagens o Arcebispo ressalta que a Igreja honra as imagens, mas não as adoram. Segundo o prelado, não se devia pedir nada às imagens dos santos, somente que estes rogassem pelos fiéis diante de Deus. Ele afirma, ainda, que não se devia depositar confiança nos mesmos. Citando o “distinto protestante” Leibniz, D. Manoel vê as imagens como o “alfabeto do povo”. Esse “alfabeto” foi importante para a difusão do conhecimento sobre Jesus Cristo e os santos, sobretudo para a grande massa de analfabetos que existiam na Bahia do século XIX. Porém, talvez tenha sido difícil para essa massa de fiéis compreenderem a diferença entre honrar e adorar.³⁶

O Arcebispo também se dedicou a esclarecer a seus fiéis que “a fé da Igreja é que a SS. Virgem Mãe de Deus foi virgem antes do parto, no parto, e depois do parto”. O material distribuído pelos protestantes apresentava Maria como uma agraciada de Deus, uma mulher bem-aventurada por ter sido escolhida para gerar Jesus Cristo. Porém, diferente dos católicos, os protestantes não creem na virgindade perpétua de Maria. Para quem tinha dúvidas de como, após o nascimento de Jesus, Maria teria continuado virgem, D. Manoel da Silveira afirma que: “quanto ao parto da Virgem é sumamente difícil expor como ele foi, tendo sido um mistério, que não é dado à razão explicar, e só a Fé.” Os protestantes também contestaram a virgindade perpétua de Maria ao afirmar que esta teria tido filhos após dar a luz ao Cristo. Sobre os “irmãos de Jesus”, destacados pelo Evangelista Mateus no capítulo 13, o Arcebispo afirmou que a conclusão de que esses são irmãos de Jesus, no sentido literal,

³⁵ *Ibidem*, p. 41.

³⁶ *Ibidem*, pp. 47-48. Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) foi um importante filósofo e matemático alemão.

“é um erro, um sacrilégio, uma blasfêmia, uma insânia, uma impiedade, uma heresia sem fim”.³⁷ O Arcebispo encerra a discussão afirmando:

A Santíssima Virgem ressuscitou imediatamente depois de sua morte, e em corpo e alma foi levada para o Céu, e a sua assunção é uma outra prerrogativa sua, que distingue a Mãe de deus de todas as outras Criaturas, e esta pia crença se funda na Tradição constante da Igreja, e nos sentimentos de veneração e piedade, que nós devemos para com a Mãe de Deus, porque dificilmente se concebe que seu corpo, que em nada participou do contágio comum, e do qual se formou pela operação do Espírito Santo o corpo de Deus feito homem, experimentasse a corrupção do túmulo.³⁸

“Mudastes, logo errastes”

A ideia de progresso, tão cara à maioria dos intelectuais do século XIX, era frequentemente associada ao protestantismo. Vários protestantes fizeram parte do grupo conhecido como “amigos do progresso”, também composto por políticos liberais como Tavares Bastos. Se o protestantismo representava o avanço, o catolicismo foi visto como um dos motivos do atraso do Brasil. Por isso, já na segunda metade do século XIX, em várias discussões referentes ao incentivo da imigração, vários liberais defendiam o oferecimento de condições para o estabelecimento de protestantes, sobretudo provenientes dos Estados Unidos.³⁹ Contra essa ideia, o Arcebispo advertiu que a falta de hegemonia religiosa poderia impedir o desenvolvimento do Brasil. Para ele, são as inúmeras “heresias” que impediam o crescimento do Império. Porém, o que mais nos chamou a atenção foi o fato de o Arcebispo ter levantado a hipótese de que a propaganda protestante fazer parte de um plano dos Estados Unidos para dominar o Brasil, por isso advertiu:

Nos Estados Unidos da América do Norte já se escreveu também que as águas do Amazonas afluíam no Mississipi: atendei bem a isto, e recordai-vos que foi com os inimigos da Fé Católica que nossos Pais lutaram, e lutarão luta gloriosa para sustentar nossa autonomia, retomando-lhes as porções do nosso território, de que eles haviam se apoderado! Não pode bem ser que esta propaganda protestante, que se ostenta sem reboço no meio de nós, seja um meio para facilitar um fim oculto, procurando enfraquecer-nos lançando-nos na voragem de uma dissensão religiosa?⁴⁰

Diante da concorrência pelo exclusivo religioso, o Arcebispo tratou de desqualificar a propaganda protestante. Como vimos acima, suas “Bíblis falsas e livrinhos contra a Religião”, juntamente com seu conteúdo “herético” logo foram

³⁷ *Ibidem*, pp. 57-59.

³⁸ *Ibidem*, p. 60

³⁹ VIEIRA, op. cit., p. 83-95, 373

⁴⁰ SILVEIRA, op. cit., p. 57

atacados pelo prelado. Se, segundo D. Manoel da Silveira, não poderia haver duas crenças verdadeiras, a falsa é aquela que “tem contra si o cunho de novidade”. Por isso adverte:

Fugi, amados Filhos, destes trãnsfugas e apostatas da verdade, que vos trazem o funesto presente de Biblias falsificadas, e de livrinhos saturados de erros com o fim de perverter a vossa Fé, fugi deles, que são nuvens sem água que os ventos levam de uma parte para outra, como partes de outono, sem fruto, duas vezes mortas, desarraigadas, como ondas furiosas do mar, que arrojam as espumas da sua abominação, como estrelas errantes: para as quais está reservada uma tempestade de trevas por toda a eternidade.⁴¹

Encerrando, o Arcebispo pediu aos fiéis que ajudassem os “Irmãos dissidentes”, principalmente suplicando a Deus para que “lhes abra os olhos” para a “verdade”. Para o Arcebispo, tal “cegueira” tinha cura, o caminho seria, “renunciando ao erro, em o qual se acha de boa fé a maior parte deles, voltem para o grêmio da nossa Mãe comum, a Santa Igreja católica, fora da qual não há salvação”.⁴²

Considerações finais

Nesse trabalho, buscamos discutir a configuração do campo religioso baiano entre os anos de 1862 e 1867. Através da análise dos discursos de líderes dos segmentos que destacamos, observamos aqui a tensão que envolveu a relação entre ambos. Diante da inserção de crenças que poderiam se configurar como rivais na disputa pelo monopólio dos bens de salvação, a Igreja Católica não ficou inerte. As cartas pastorais contra o protestantismo e o espiritismo são provas disso. Os concorrentes foram taxados de inimigos da fé católica e associado a demônios, enfim, foram desclassificados. Infelizmente não tivemos acesso a qualquer tipo de resposta protestante à carta pastoral em que aparecem como os grandes vilões.

Ainda hoje, observamos representantes católicos e protestantes se acusando. Muitas das discussões geradas na atualidade são idênticas às apresentadas aqui. Basta uma rápida pesquisa nos meios de divulgação dessas doutrinas para percebermos como ainda existem expressões de intolerância. Lamentavelmente, os avanços em busca do respeito religioso ainda são bastante pontuais.

⁴¹ *Ibidem*, p.. 67

⁴² *Ibidem*, p. 77